

**Pionerismos esquecidos e esclarecer o esclarecimento:
O caso de Teresa Margarida da Silva e Orta
e *Máximas de virtude e formosura* ^[1]**

Eva Loureiro Vilarelhe
Galabra – USC

Pretendemos apresentar as idéias ilustradas que transparecem na obra de Teresa Margarida da Silva e Orta publicada, sob o pseudônimo Dorothea Engrassia Tavareda Dalmira, em 1752: *Máximas de virtude e formosura* – obra mais conhecida pelo título das posteriores edições *Aventuras de Diófanes* –, atribuída na edição de 1790 a Alexandre de Gusmão, amigo íntimo de Teresa Margarida da Silva e Orta. Obra que passa por ser a primeira de ficção em Portugal em que planeia a sombra das Luzes da Razão, e não de uma forma qualquer, senão imitando a estrutura de um texto tomado em numerosas ocasiões como modelo de literatura pedagógica, como é *Aventures de Télémaque* de Fénelon. A presente comunicação visa conhecer a sua constituição, esclarecer o sentido da sua proposta/resposta dentro do sistema cultural português da época e fixar alguns dos pontos de partida do Iluminismo luso, desde o mesmo século XVIII esquecidos ou negligenciados.

A obra começa com a viagem que empreendem Diófanes e Climenea, reis de Tebas, com dois de seus filhos, Almeno e Hemirena, por motivo do casamento desta última com Arnesto, príncipe de Delos. A viagem acaba com o assalto da comitiva, em cujo combate morre Almeno, e o resto da família real acaba em mãos dos inimigos de Argos. A partir daqui Diófanes, Climenea e Hemirena seguem caminhos diferentes ao serem feitos escravos e só se cruzam em contadas ocasiões, encontros em que não se reconhecem por terem mudado de nome e aspecto físico devido aos trabalhos e perigos a que se vêem expostos. Assim, Diófanes passa a ser Antionor; Climenea, Delmetra; e Hemirena, adotando trajes de homem para evitar melhor os perigos, Belino. Por sua vez, Arnesto deixa Delos na procura da prometida e da sua família sob o nome de Albênio. Depois de muitas peripécias em que Diófanes e Arnesto servem de conselheiros do governo, Climenea de educadora e Hemirena gaba-se das suas virtudes, acabam por reencontrar-se finalmente e, retomando os seus papéis iniciais, acaba a obra celebrando-se a boda de Hemirena e Arnesto.

A autora de *Máximas de virtude e formosura* nasce em São Paulo em 1711 ou 12, filha da brasileira Catarina Dorta e do português José Ramos da Silva. O seu pai emigrara para o Brasil, onde conseguira uma boa fortuna. Em 1716 voltou para Portugal, instalando-se em Lisboa com a pretensão de continuar sendo o homem destacado que era no Brasil. Lutou muito devido a essa ânsia por alcançar o prestígio social que o nascimento lhe negara, e não duvidou em gastar parte da sua fortuna para consegui-lo a fim de melhorar a reputação que legaria ao seu filho Matias Aires, para o que decidiu sacrificar as filhas, isto é, enviou-as pequeninas a um convento para que professassem e assim evitar a despesa de dotes nupciais.

É assim que Teresa Margarida chega ao Convento das Trinas onde seria educada. Mas a clausura conventual nesta época ficava em entredito, e Teresa Margarida com 16 anos de idade pretendia casar-se com Pedro Jansen Moler Van Praet, com quem namorara nas grades do convento. Isto provoca um litígio entre as famílias, que ao aduzir que Teresa Margarida estava grávida acaba com o casamento dos jovens, fato que desencadeia a ira do pai, que deserda a filha. Os problemas econômicos do matrimônio foram constantes, ao que não ajudou a numerosa prole que gerou, doze filhos no total, que contaram com padrinhos de prestígio que dão a medida de viver do casal e das suas relações e amizades, que provavelmente já vinham do Convento das Trinas onde fora criada Teresa Margarida entre as filhas das mais ilustres famílias da época. [\[2\]](#)

Mas a personagem fundamental deste círculo de amizades é, sem dúvida, Alexandre de Gusmão, que além de apadrinhar os filhos de Teresa Margarida preocupou-se deles como se fossem próprios, e foi o principal promotor da idéia de enviar o filho primogênito do casal amigo a estudar a Paris de onde voltaria melhor que de outra parte, “ornado de prendas cavalheirescas mas muito mais de ciências”.

Este tipo de informações permitem reconhecer que o contato de Teresa Margarida com um âmbito cultural elevado lhe facilitaria aceder sem problemas às idéias ilustradas de que seu amigo Alexandre de Gusmão era tão familiar dada a sua condição de *estrangeirado*.

Teresa Margarida entregou *Máximas de virtude e formosura, com que Diófanes, Climenea, e Hemirena, Príncipes de Thebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça* aos censores em 1750, ano da morte de D. João V e não foi publicada até dois anos depois, apesar do beneplácito do tribunal censor. Não sabemos as razões que motivaram o atraso da publicação da

obra; um dos motivos que se esgrimem é que as entidades encarregadas da impressão do texto preferissem esperar para saber o rumo que tomaria o novo monarca para determinar se o texto podia receber o beneplácito da censura. Talvez no futuro ajude a esclarecer a questão, a comparação entre as obras publicadas sob a coroa portuguesa nos anos de 1750 e 1752, data final da primeira edição da obra, que tencionamos fazer.

Possível vinculação entre as edições da obra e o estado de campo do poder e cultural

No caso do ano 1750, resulta evidente que se a maioria das publicações se realizam em Lisboa (salvo dois casos em Coimbra e três em Évora, Porto, e Valença respectivamente), também não se estranha que grande parte delas se dediquem a honrar a morte de D. João V ou, embora em menor número, a celebrar a coroação de D. José I. O resto das obras são, de tipo religioso, jurídico-legislativo, ou dedicadas a louvar casas nobres. São escassas as obras que não tratam estes temas, e só há dois compêndios de tipo sintático-gramatical. Duas obras são publicadas em latim (uma de tipo religioso e outra em louvor de D. José I). ^[3]

Em 1752 continua a centralização das publicações em Lisboa (só duas em Coimbra, outra no Porto e outra em Valença). Mas o volume de obras publicadas neste ano é muito mais diverso quanto à temática que o de 1750. Embora predominem as obras de tipo religioso, abundam as literárias de diferente temática, como as históricas, políticas, jurídicas ou de louvor a determinadas personalidades nobres. Também continua havendo elogios a D. João V e D. José I, mas em menor medida. Uma das obras literárias está escrita em espanhol, assim como três religiosas e uma dedicada a D. João V em latim. Destacamos a publicação do semanário esclarecido *O Anonymo*, e duas obras críticas sobre o *Verdadeiro método de estudar* de Verney que, passado já um lustro da sua publicação continua sendo de interesse para os estudiosos. ^[4]

Após a publicação da obra, os problemas econômicos de Teresa Margarida não se resolveram, pelo contrário, enviuvou em 1743, e dez anos mais tarde perdeu o seu amigo Alexandre de Gusmão, a sua situação econômica piorou ao não poder fazer frente às despesas provocadas pela desastrosa empresa do Maranhão – que o seu marido construíra seguindo o conselho de D. João V –, a que não ajudaram os litígios que manteve com seu irmão até a morte

deste, e depois dela, ao ter que interferir legalmente contra seus sobrinhos, que esbanjavam a fortuna que lhes legara o pai.

Mas os seus trabalhos não foram só referentes à economia, pois em 1770 seria encarcerada por ordem de Pombal ao considerar-se que mentia a fim de conseguir um bom matrimônio para o seu filho mais novo, que tinha relações com uma moça de família endinheirada interna no mosteiro da Encarnação, e cuja família se negava ao casamento com o filho de Teresa Margarida, pelo que esta última decidira enviar uma carta ao rei utilizando o mesmo argumento graças ao qual ela conseguira casar, a gravidez, argumento que, ao demonstrar-se não ser certo, provocou sua prisão no mosteiro de Ferreiros, embora ela se defendesse aludindo que fora enganada.

Prisão durante a qual teria escrito a carta assinada com o pseudônimo que legitimaria a autoria do romance, assim como compôs o poema épico-trágico, a *Novena do Patriarca S. Bento*, e a *Petição* feita a D. Maria, graças à qual conseguiu ser perdoada em 1777. Nesse ano vem à luz a segunda edição da obra, de que não cremos tivesse conhecimento Teresa Margarida.

Nesta edição eliminam-se as notas marginais presentes na de 1752, e apresentam-se toda uma série de erros reiterados em edições posteriores ao tomá-la como base, e não só muda o título para o mais conhecido atualmente, *Aventuras de Diófanos*, senão que conta com duas capas com subtítulos diferentes: *Aventuras de Diófanos ou Maximas de virtude e formosura, com que Diófanos, Clymeneia, e Hemirena, principes de Thebas, vencerão os mais apertados lances de desgraça* e *Aventuras de Diófanos, imitando o sapientíssimo Fénelon na sua viagem de Telemaco*.

A chegada ao poder de D. Maria coincide, segundo os dados que maneamos, com uma maior centralização das publicações em Lisboa (só o Bispo de Beja publica duas obras religiosas na sua diocese). Também neste ano parece haver uma exagerada proliferação de odes, élogos e demais tipos de composições que celebram os acontecimentos políticos (uma delas em latim e duas em italiano): a maioria dedicadas a aclamar D. Maria e outras dedicadas a ambos os esposos, ou somente a D. Pedro III. Uma pequena parte celebra as bodas dos príncipes do Brasil. Continua havendo também elogios de nobres e um claro predomínio das obras de tipo religioso. Mas há um surto considerável de obras literárias de caráter bucólico, fato que poderia explicar a edição da obra de Teresa Margarida. De resto, publicam-se catálogos sobre os livros à venda em determinadas livrarias, uma gramática luso-anglicana ou um dicionário francês-português. Os

dois tratados sobre versificação portuguesa parecem indicar que a mudança de governo, que levou a volta ao anterior sistema político, afeta a todos os âmbitos.

A terceira edição de 1790, atribui a obra ao melhor amigo, já morto, da quase octogenária Teresa Margarida, Alexandre de Gusmão, que fora conselheiro de D. João V e cuja promoção para o governo de D. José I acreditou ver explícita neste romance boa parte da crítica, atribuição que constitui o início da disputa sobre a autoria desta obra devido ao prefácio que acrescenta o editor em que se explicam os motivos pelos quais Alexandre de Gusmão utilizaria o pseudônimo feminino: a saber, por tratar-se de uma obra de juventude e procurar ocultar os erros cometidos, explicação que não nos satisfaz, nem tampouco a Jaime Cortesão, que manifesta a sua oposição aos comentários do editor baseando-se numa análise comparatista do estilo de *Máximas de virtude e formosura* com outras obras de Gusmão, mesmo algumas de juventude, concluindo que a atribuição ao célebre político carece de todo o fundamento.

1790 parece ser um ano de abertura da licença editorial, já que além de uma obra publicada em Valença, contamos com sete em Coimbra e onze no Porto. A temática religiosa continua tendo preeminência, seguida da histórica e da legislativa. Os louvores de personalidades destacadas continuam sendo habituais, em especial com motivo da morte do príncipe do Brasil, D. José, ou comemorando os anos de D. Maria. Continua havendo bucolismo na literatura mas sem tanta presença como em 1777, embora haja um dicionário de elipses freqüentes em autores clássicos.

Agora o que se dá é uma proliferação da publicação de espetáculos musicais e comédias ou tragédias teatrais. Há uns quantos tratados sobre as artes mais diversas (arquitetura, agricultura, cirurgia, música...), e o interesse pelas línguas vê-se na publicação de uma gramática grega, duas latinas (uma delas de Verney), outra macarrônea latino-portuguesa e outra francesa. Em latim publicam-se duas obras religiosas, uma histórica e um dos elogios ao príncipe D. José. O italiano volta a ter presença devido ao influxo da ópera vinda deste país.

Assim publicam-se em italiano dois espetáculos musicais e três elogios, um deles a D. Maria. O número de traduções também aumenta; neste sentido, destacamos a tradução da *Arte poética* de Horácio e três tragédias de Voltaire. Destacamos também a publicação de duas obras sobre a mulher, uma comédia e um tratado sobre a igualdade dos sexos. ^[5] A edição da obra de

Teresa Margarida de 1790 não se encontra em nenhuma biblioteca portuguesa das consultadas nos resultados da BN, mas segundo Gonçalves Rodrigues se encontraria no catálogo de bibliotecas particulares.^[6] Segundo também Rodrigues, neste ano de 1790 parece que há uma tendência a empregar a palavra *virtude* nos títulos das obras traduzidas,^[7] fato que contrasta com que *Máximas de virtude e formosura*, apareça editada com o título adotado na segunda edição.

A edição da obra de Teresa Margarida que só apresenta os dois primeiros livros, saiu em 1818, vinte e cinco anos após a morte da autora. Em 1818 a coroa portuguesa continuava radicada no Brasil, desde a sua fuga em 1808 por motivo das invasões francesas. Este fato explica que não só haja uma obra publicada no Porto e quatro em Coimbra, senão também duas na Bahia e onze no Rio de Janeiro. Continua sendo predominante o tema religioso nas obras publicadas, mas é significativa a numerosa presença de contos morais, às vezes denominados histórias morais, fato que nos pareceu determinante à hora de compreender a edição truncada de *Aventuras de Diófnes*, dado que se publicou como *História de Diófnes*, a brevidade que apresenta este tipo de histórias explica que só apresente os dois primeiros livros.^[8] De resto, continua havendo elogios a grandes personalidades, como os reis e os príncipes do Brasil, por motivo das festas de anos dos primeiros e do casamento dos últimos. Também há diversas publicações relativas à jurisprudência, alguns tratados sobre temas variados, e catálogos de livros à venda nas lojas. Quanto às obras de caráter filológico, publica-se uma gramática francesa, outra grega, duas latinas, uma delas em latim, como também em latim estão duas obras de ficção, um catálogo de livros e um elogio. Destaca-se a quantidade de obras relativas à língua portuguesa: uma gramática, um dicionário e sete ortografias, sendo três delas silabários para os meninos; como também relativas às crianças são duas obras sobre a educação. Isto parece indicar que se levam a cabo considerações como as de Verney sobre o ensino das línguas. De interesse para o nosso estudo é a tradução da *Arte poética* de Boileau que se publica neste ano, e duas obras sobre a mulher (lembre-se que sempre remetem para as elites),^[9] que manifestam o calado das idéias ilustradas no âmbito cultural português, que mesmo em plena invasão francesa continua mostrando o seu caráter francófilo.

Em 1945, Ruy Bloem decide editar *Aventuras de Diófanes*, seguindo a edição de 1790, defendendo a autoria de Teresa Margarida da Silva e Orta.

Em 1993, ano em que se comemora o bicentenário da morte de Teresa Margarida, Ceila Montez edita *Obra reunida* de Teresa Margarida da Silva e Orta, volume onde se reúnem, além de *Aventuras de Diófanes*, aqueles manuscritos que a autora escreveu durante a sua prisão no Mosteiro de Ferreira de Aves (1770-1777).

Discussão bibliográfica

Atendendo à discussão bibliográfica sobre todas as questões que atingem Teresa Margarida e *Máximas de virtude e formosura*, a crítica divide, em geral, as suas opiniões em três ordens de discussões, como já assinalou Maria da Santa Cruz em 1990 na sua tese de doutoramento sobre *Máximas de virtude e formosura* ^[10]: a discussão da brasilidade da autora e da obra; a discussão da prioridade do romance (primeiro romance/novela brasileiro/a?, primeiro romance luso-brasileiro escrito por uma mulher?); e a discussão de uma autoria posta em causa desde a edição de 1790, controvérsia esta que parece basear-se, mais do que em dados contrastados, em preconceitos a respeito do que é considerado por muitos como repertório de autoria feminina, por parte daqueles críticos que parecem não admitir que uma mulher possa ser a autora de uma obra de forte ideologia política.

Quanto à evolução cronológica dos estudos dedicados a pesquisar sobre Teresa Margarida e *Aventuras de Diófanes*, resulta evidente que é no século XX quando há um maior interesse pelo tema. Concretamente nos meados do século são anos chave 1938 com os estudos de Bloem e Ennes, 1945 com a edição da obra por parte de Bloem, e 1952 (bicentenário da primeira edição da obra) com o maior estudo levado a cabo sobre a biografia da autora por Ennes, o segundo volume de *Dois paulistas insignes* inteiramente dedicado a Teresa Margarida. Na segunda metade do século há que esperar aos estudos de Santa Cruz dos anos 1989 e 1990 (bicentenário da terceira edição da obra) já mais centrados no romance, e finalmente a edição da *Obra reunida* por Montez em 1993. Visto isto, está claro que o tema não foi objeto de um estudo contínuo, senão que só em dois momentos fundamentalmente resultou de interesse para algum crítico, isto pode ser devido à escassa repercussão da questão de ser uma mulher a figura em foco, aliás escritora de um século bastante ignorado e, em geral, pouco tratado pela crítica. Ainda que também é de

assinalar que, se não podemos saber se a edição de 1790 teve mais sucesso ao levar o nome de Alexandre de Gusmão na capa, este fato pode contribuir em boa medida para incentivar a atenção que foi prestada a este romance.

Compêndio de modelos clássicos

Centrando-nos já na obra, *Máximas de virtude e formosura* ^[11] constitui um compêndio de modelos clássicos de todos os pontos de vista, no sentido de retomar um bom número de exemplos presentes na Antigüidade Clássica, depurados pelo Renascimento ou à luz de modelos classicizantes do Iluminismo, como as *Aventuras de Télémaque* de Fénelon.

A autora reconhece abertamente no prólogo não ter preconceitos à hora de imitar (segundo o uso retórico da *imitatio* ^[12]), e alude ao modelo seguido mais de perto denominando a sua obra *Aventuras de Diófanes*, algo que cremos ser mais uma declaração explícita da obra que imita que um título para a sua, já que não é este o que lhe dá – e que foi adaptado nas ulteriores edições, supomos que pelos editores – por não recolher o protagonismo que na sua obra partilham Diófanes, Climenea e Hemirena.

Sabido é que o mundo pastoril transparece na literatura de tipo bucólico, neste romance também é freqüente a aparição de pastores num mundo natural idealizado, embora as descrições sejam parcas e sintéticas, mas não é, por assim dizê-lo, o quadro geral do romance, senão que a sua presença está motivada pela vontade de opor a corte corrupta e lugar de vício ao mundo idealizado do retiro na natureza também idílica.

Máximas de virtude e formosura recolhe também outros modelos utilizados profusamente na literatura européia, como é o caso das novelas de aventuras, do mesmo modo também se pode inserir no modelo de novelas bizantinas.

Seguindo nesta linha, a utilização de mitologia clássica que se dá na obra de Teresa Margarida, sendo tão habitual desde o Renascimento, não se pode atribuir a um influxo direto de Fénelon, mas há aspectos que remetem inequivocamente para ele, como a ambientação do romance na Ásia Menor, ou a descida ao Hades de Arnesto (livro VI) em paralelo à de Telémaco. Neste sentido, o romance de Teresa Margarida apresenta uma maior variedade de personagens, coisa evidente ao serem três os protagonistas e não apenas um, como no caso de Fénelon. As

idéias que em *Aventures de Télémaque* eram desenvolvidas por Mentor – o tutor moral de Telémaco, na realidade Minerva disfarçada –, transparecem como máximas pelas que reger-se em boca dos diferentes personagens, ao não haver um tutor moral comparável ao presente na obra de Fénelon: Diófanes e Arnesto, encarregados das máximas sobre o bom governo; Climenea, como educadora; Hemirena, que se conduz segundo as máximas de virtude inculcadas pelos progenitores; e um elenco de personagens secundários entre as que se nos apresentam mais máximas sobre o bom governo, por parte de Beraniza e Ibério, ou o falecido Almeno, e outros modelos sobre o bom e mau agir representados por diferentes personagens.

Se Diófanes e Climenea representam a sabedoria e a experiência alcançada com os anos, respeito pelas canas tão próprio da Antigüidade Clássica, Arnesto e Hemirena são a imagem dos heróis jovens como Telémaco. Em Arnesto – e eventualmente em Belino – está presente o ideal das letras: “eu me aplicava em tristes poesias”^[13] e das armas: “como aventureiro, fui ao campo, onde [...] tomei as armas”^[14], neste sentido está muito presente o ideal do cavaleiro prestigiado entre outros muitos autores por Camões.

O caso de Hemirena resulta mais complexo. Já que se Climenea é a sábia idosa, e Beraniza a sábia por muito estudo. Hemirena guia-se pela vida com o aprendido dos pais, mas ante os perigos de estar só pelo mundo adota traje de homem e comporta-se como tal apesar de ser mulher, coisa que não lhe impede de lutar como soldado ou mesmo salvar a vida do próprio Arnesto camuflado em Albênio. Mas resulta interessante destacar que, apesar de ser um apoio fundamental em todo o romance para o desenvolvimento da história, no livro VI some-se sem voltarmos a ter notícias dela no reencontro com os pais, ou bem por isso mesmo, ao tornar ao âmbito familiar e retomar o seu rol de mulher fica relegada à vontade paterna enquanto solteira e à do marido uma vez casada. Algo que não está em desacordo com o exposto no romance quanto à mulher e que manifesta a consciência da dominação a que está submetida, de que falaremos mais adiante.

Uma nota final a ter em conta é que a estrutura da primeira edição estava constituída por cinco livros como partes tem a tragédia clássica, circunstância que se mudou com a segunda edição, dividindo-se o livro quarto em dois, ficando o romance com seis, como hoje o conhecemos.

Intenção moralista

A intenção moralista, patente em todo o romance, já está expressa no prólogo:

representar a figura dos doutos no teatro deste livro [...] procuro infundir nos ânimos daqueles [doutos], por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar os inimigos, a compaixão da pobreza, e a constância nos trabalhos. ^[15]

Como já comentamos, também no prólogo, presente em todas as edições, justificam-se os erros da obra ao ser mulher a autora, pois a impossibilidade de aceder ao estudo como fazem os homens propicia a ignorância que ajuda a cometê-los. Ao mesmo tempo esclarece-se que embora a obra não consiga o efeito desejado, já teria cumprido o seu objetivo pois se tomou como remédio para “divertir cuidados”.

Depois afirma não ter preconceitos para imitar obras de outros autores, como já comentamos anteriormente; sem temer a crítica, já que se sentiria orgulhosa de ver construídos “polidos edifícios” ainda que só fosse com o intuito de maltratar a sua obra; assim como legitima a escolha da ficção para apresentar estas idéias – neste sentido é o primeiro romance que introduz as idéias iluministas em Portugal e no Brasil – seguindo modelos de espanhóis, franceses e italianos.

Duas posições mais adota a autora neste prólogo. Em primeiro lugar declara-se estrangeira – como já assinalamos – algo que se justificaria pelo seu nascimento em São Paulo, e também pela vontade de legitimar os comentários feitos ou a sua posição crítica, como tinha feito do mesmo modo Verney no *Verdadeiro método de estudar*, dada a sua condição de *estrangeirado*. No fim declara viver numa “choupana vizinha da Serra da Estrela, aonde não chegam novidades da Corte” do mesmo modo que Rodrigues Lobo na *Corte na aldeia*. Estas duas atitudes remetem para o posicionamento da filosofia da *Aufklärung* de retomar o ponto de vista perspectivado desde a distância, próprio dos inícios desta disciplina na Grécia Antiga, daí que tanto ser estrangeira como estar longe da corte sejam posicionamentos que se situam fora do que se vai analisar, proporcionando um maior grau de objetividade ao exercício racional.

Por outro lado, tendo em conta a adscrição da obra ao Iluminismo, cabe assinalar que o substantivo *luzes* aparece repetidas vezes referido à razão ou a algo que tenha a ver com ela (uma

vez no Prólogo, duas no livro I, quatro no II, três no III, duas no IV, uma no V, e três no VI), assim como o adjetivo *ilustrada* referido por Antionor a Delmetra (livro IV), *ilustrado* que refere Diófanos de si próprio (livro V), e como *ilustrados* e nobres designa Beraniza os sentimentos de Hemirena (livro I).^[16]

Para darmos uma idéia aproximada da carga ideológica que apresenta o romance podemos constatar, segundo Santa Cruz (1990), que há mais de quinhentas máximas nesta obra referidas a diferentes temas (sobre a ordem social, a vida na corte, o medo, a liberdade, a arte de governar, educação e saber, o trabalho e o lazer, a mulher, o amor e o desejo, o ciúme e o decoro, o casamento, o destino e a vontade, as aparências, a verdade...).

Além deste tipo de máximas, as idéias iluministas manifestam-se nele reiteradamente em alguns casos, como o do elogio da vida pastoril em detrimento da vida na corte, este eco renascentista aparece por toda a parte, e o retiro ao meio natural é um recurso adotado por quase todas as personagens quando querem sarar as *enfermidades* que provoca viver na corte, foco de vícios.

Seguindo esta ideologia iluminista, justifica-se a necessidade da monarquia, pois a liberdade nunca deve ser total pelo bem da humanidade. Assim, há uma defesa da ordem estabelecida que manifesta um certo conservadorismo, e ecoa Francisco Manuel de Melo, acorde ao pensamento dessa época, como podemos ver no comentário de Arnesto (livro VI):

seria danosa a igualdade entre as gentes; porque o que entendemos ser a origem do ódio, e inveja, é o que quase sempre mais fortemente nos liga; porque o muito que uns dependem dos outros, faz que seja necessidade o nosso afeto, pois carece o forte do sábio, para que o ajude; o sábio do forte, para que o defenda; o pobre do rico, para que o sustente; e este do pobre, para que o sirva^[17]

Outra das características deste pensamento é a introdução de determinados conceitos que tomam um novo valor e significação importante a modo de universais, como é o caso de Virtude e Beleza, que som apresentadas ao longo da obra como resultado de um compêndio de qualidades do intelecto, comportamento, e atitudes que se refletem em quem os segue, assim como a Verdade face às aparências. A razão e os paradigmas da *aurea mediocritas* clássicos estão por trás destes conceitos que representam os valores neoclássicos da pureza, equilíbrio e racionalismo.

Ideais que regem todo o romance, como pode ver-se na frase final, zênite do ideal clássico do belo, verdadeiro e justo: “que sempre é vencedora a verdade, e que a formosura triunfa, quando é constante a virtude.”^[18]

A ideologia iluminista aparece também na concepção do amor, que segue o mesmo critério que Fénelon: são rejeitados como inapropriados e conduzentes à irracionalidade o desejo e a paixão provocados por um sentimento que deixa de parte o entendimento, e prefere-se o amor que provém do reconhecimento das virtudes e qualidades da outra pessoa, que não ofusca a razão, pois é um amor refletido e racional. Do mesmo modo que Telémaco foge do amor apaixonado e prefere admirar as virtudes da mulher que escolhe para esposa, Hemirena foge da paixão de Ibério e admira as qualidades que vê em Arnesto como as apropriadas para seu esposo.

Mas são dois os campos maiormente tratados que representam a mudança de mentalidade que se estava a produzir na época. Por um lado a educação, que vem da mão de Climenea, com abundantes reflexões sobre a mulher. E por outro a arte de governar, neste caso partilhada por Diófanes e Arnesto principalmente, e Beraniza e Ibério em menor medida.

Máximas para a educação

Partindo da base de que os iluministas consideravam a natureza feminina e masculina como diferentes, as funções que os homens deviam desenvolver eram distintas às das mulheres, portanto, era lógico que a educação fosse também diversa, algo que se refletia nos tratados sobre educação, onde se defendia a permanência da mulher no âmbito do privado apoiando-se na análise da natureza feminina.^[19]

Em Portugal a concepção da mulher como esposa e mãe é algo aceito, assim os tratados sobre o casamento são uma fonte para o estudo do papel social da mulher, do seu estatuto e da sua imagem, dos padrões de comportamento aceites e aprovados, visto serem, mais do que outra coisa, recomendações escritas por homens para que outros homens saibam escolher, (re)educar e tratar a mulher que mais lhes convém. Embora haja algum que outro tratado teórico que *elogie* as virtudes do sexo feminino, a maioria das obras sobre as mulheres portuguesas são listas de mulheres que se destacaram em algum âmbito, como as que estavam na moda fazer na França nesta época.^[20]

Em *Máximas de virtude e formosura* é Climenea a encarregada de apresentar as máximas que se devem seguir para a educação das mulheres e dos filhos, informação que se concentra no livro III, embora apareça reiterada em vários pontos do romance.

Climenea reconhece que a mulher está sujeita a convenções sociais e deve reger-se por normas mais estritas para salvaguardar a honra. Assim recomenda-se que na corte não utilize enfeites que só indicam vaidade, e que a sua conversa seja modesta e discreta porque só o espírito aprazível faz belo o rosto. Nas relações sociais não há lugar para a ostentação, e deve evitar a conversação com os homens, pois resulta prejudicial, nomeadamente no caso das casadas para exemplo das donzelas. No amor devem sopesar-se as virtudes do eleito, e preocupar-se por cultivar o intelecto, pois: “Nós não temos a profissão das ciências nem obrigação de sermos sábias; mas também não fizemos voto de sermos ignorantes.”^[21]

E daí a dedicação ao que sirva para a “boa direção dos costumes”, mas prestando atenção ao que se lê:

Nem digo que seja útil o lerem toda a casta de livros, pois são perniciosos os que tratam das paixões, que insensivelmente costumam introduzir-se nos ânimos; porque ainda que se pintem com agradáveis cores, elevado estilo e invenções honestas, nem assim nos convém lê-los, e basta que nos apliquemos aos que nos enchem de documentos admiráveis, e fazem temer os efeitos do ócio.^[22]

Crítica semelhante à feita por Cervantes sobre os livros de cavalarias, ou à que farão mais de um século depois os realistas dos romances românticos.

Reivindica o direito à instrução que tenham as mulheres:

Não resplandece em todas a luz brilhante da ciências; porque eles ocupam as aulas, em que não teriam lugar, se elas as frequentassem, pois temos igualdade de almas, e o mesmo direito aos conhecimentos necessários^[23]

Algo já expresso, em certo sentido, por algum que outro autor nos tratados sobre educação feminina, entre eles Verney no *Verdadeiro método de estudar*, que considera a importância da educação feminina ao serem elas as primeiras educadoras dos filhos.^[24]

Quanto à educação dos filhos destaca a moderação entre o carinho e o rigor como virtude a seguir por toda a mãe. O respeito deve ser-lhes inculcado desde o início evitando brincar com eles desde muito pequeninos.

Segundo as opiniões de Climenea, há que reparar bem nos criados que acompanham os filhos durante o tempo que não estão com os pais, para assim impedir que floresçam neles vícios evitáveis com a procura de melhores companhias que ajudem a instruir os meninos contando histórias sobre as ações de Alexandre e outros grandes reis, ou da Guerra de Tróia e demais heróis, pois: “Este é o melhor modo de se lhes fazerem amar, e decorar as ações mais nobres, porque as ouvem com gosto, e assim conservam na memória as melhores instruções, e máximas convenientes”^[25].

Estes são, a grossos traços, os ensinamentos que Climenea defende e põe em prática no romance, mas também há outro tipo de referências sobre o tema na boca de outras personagens, ou do próprio narrador, que apresenta as mudanças que levarão a cabo os reis ao voltar a Tebas, defendendo o direito da mulher à educação: “A Academia das ciências, que em Palácio se fazia, onde eram admitidos homens, e mulheres a darem conta do progresso de seus estudos”^[26].

Academia que só seria criada em Portugal em 1779 por Pombal, mas com entrada ainda restrita no caso das mulheres, não mediante uma proibição expressa, mas veladamente suposta.

Máximas para bem governar

Diófanos e Arnesto são os principais locutores destas idéias, presentes em tratados que desde *O príncipe* proliferaram por toda a Europa da mão de algum conselheiro que dirige as suas reflexões ao próximo monarca, mas que desta vez aparecem na fala de personagens de ficção num romance – neste caso também dedicado a uma futura rainha, a princesa D. Maria. Diófanos ao exercer de conselheiro do rei Anfiarau foi visto como imagem de Alexandre de Gusmão, enquanto Anfiarau como de D. João V, ao que ajuda o retrato que aparece dele no livro IV onde se lhe atribui o qualificativo próprio deste rei português:

Anfiarau era dócil, compassivo, *magnânimo*, e entendido; mas a estas, e outras virtudes escureciam o ser demasiadamente crédulo, e inconstante; o que produzia inclinações, e aversões pueris, que lhe delustravam o talento; erros, que haviam introduzido em seu ânimo, os que com atrevimento iam à sua presença cheios de vícios ^[27]

As idéias que apresentam tanto Diófanes como Arnesto regem-se pela razão e a justiça para lograr o bem público, algo que anuncia o espírito do Despotismo Esclarecido posto em prática posteriormente por Pombal.

As principais noções que apresentam ambos para chegar a dominar a arte de bem governar começam pelo reconhecimento das limitações do ser humano, isto é da impossibilidade de uma cabeça dirigir um Estado sem ouvir os conselheiros de que se há de rodear, e oferecem diversas táticas para diferenciar os bons dos maus. Neste sentido, o monarca não deve temer que uma figura se destaque sobre as demais – como sucederia com Pombal – o que implica um ataque frontal ao Absolutismo monárquico praticado por D. João V.

Além disto o rei deve tratar os vassallos como filhos, pois neles reside o poder que detenta, e por isso tem que procurar contentar o povo na maior e melhor medida do possível.

Uma das prioridades é manter a eficiência da administração de justiça, castigando os atrasos que demorem em excesso a resolução dos litígios, algo prioritário para o bom funcionamento do Estado, que Arnesto leva a cabo em Delos.

Segundo Arnesto, impulsionar o comércio e a indústria é fundamental para o bem do país (a ilha de Nácia, que simbolizaria o Brasil), para o que se adotaram medidas de privilégios para companhias e facilidades de instalação de estrangeiros no território a fim de conseguir o acréscimo econômico necessário para a fertilidade da Nação.

A educação é matéria de importância evidente para ilustrar o povo e elevar o país intelectualmente – como se explicita em várias ocasiões –, diferenciando entre colégios para os que tenham maiores capacidades e escolas para os que menos. Aconselha-se trazer professores estrangeiros para renovar intelectualmente o país com as novas idéias que introduzam. Facilitar a saída do país dos jovens promissores mediante bolsas para estudar no estrangeiro considera-se medida indispensável para trazer a ciência e o progresso, tendo em conta que é recomendável ir a um país *estranho* como recomenda Diófanes-Antionor ao rei Anfiarau ^[28], isto poderia ver-se – pensando no âmbito português – como não ir à Espanha, cujo poderio cultural estava em claro

retrocesso desde meados do século XVII, ante o impulso da França e dos países protestantes. Medida que Verney defendeu no *Verdadeiro método de estudar* e que devia ser um ideal de todo *estrangeirado*, dado o influxo de Gusmão na decisão de enviar o filho de Teresa Margarida a Paris. [\[29\]](#)

Uma das idéias mais inovadoras que não aparece na obra de Fénelon é a da abolição da escravatura, uma medida que também, mas se calhar por motivos exclusivamente econômicos, levou à prática Pombal em 1761 em Portugal.

O exército constitui um dos pilares em que se apóia a grandeza do Estado, no sentido de ser elemento dissuasor para a guerra e propiciador de alianças com as nações fortes (preservar a paz estando prestes para a guerra), coisa que repercutirá na consideração internacional do país. Por isso recomenda-se manter contentes os soldados para que estejam dispostos a lutar pelo seu rei e país em qualquer momento, já que o melhor é um exército nacional e *voluntário*.

Beraniza e Ibério, embora mais brevemente, dialogam sobre a arte de governar, e assim discutem sobre a moderação que deve ter em consideração o príncipe para preservar a sua pessoa. No caso de Beraniza moderar o esforço no estudo para não prejudicar a sua saúde; e no caso de Ibério moderar a sua exposição no combate, sem parecer nem cobarde nem tampouco temerário. Do mesmo modo que fizeram Arnesto e Diófanes noutras ocasiões, elogiam o justo reparto de prêmios e castigos como uma das maiores virtudes do monarca, porque a compaixão nem sempre é virtude, e o rigor sem chegar à tirania também é necessário.

Alexandre de Gusmão promovido para o novo governo?

Ennes acredita que o verdadeiro intuito do romance seria o de promover Alexandre de Gusmão para fazer parte do conselho de D. José I. Se bem é certo que o fincapé que se faz no positivo que resulta que o rei esteja rodeado de bons conselheiros, ou mesmo que tenha um da sua confiança sem recear das invejas dos que o vejam como uma voz demasiado influente no monarca, é reiterado em várias ocasiões – tanto por parte de Diófanes como de Arnesto, nomeadamente no livro VI – é-o também que Diófanes-Alexandre de Gusmão é um homem respeitado e virtuoso que parece saber sempre como se deve agir.

Mas confessamos que as alusões são bastante veladas em comparação com as abertas declarações do *Testamento político* sobre o apropriado da eleição de Sebastião José para

conselheiro de D. José I, a que já fizemos referência anteriormente, pelo que pretender ver esse o fim último do romance parece-nos excessivo, embora não deva ficar posto de parte como um dos objetivos mais dele; se não de recomendação para o próximo reinado, se de reconhecimento ao seu labor junto do rei, que poderia ter sido mais destacável – como aconteceria com o tandem Pombal-D. José I – se D. João V tivesse uma tendência mais *iluminista*.

A mulher: consciência da dominação

El triunfo de la Ilustración no alteró la representación que la cultura europea tenía de las mujeres. En todo caso justificó a través de explicaciones “racionales” la imagen tradicional que desde tiempo inmemoriales se había otorgado a lo [\[30\]](#) femenino.

Esta justificação do rol dado à mulher durante séculos parece a opinião geral dos autores que trataram o tema da mulher no Iluminismo. Assim, a pretensa defesa das mulheres por parte desta corrente de pensamento semelha que acabou por ser discriminação, ao relegar a mulher ao âmbito do privado para poder sustentar o âmbito público masculino. [\[31\]](#)

Representadas, como em épocas anteriores, como seres próximos à natureza, as mulheres deviam ser educadas para lograr a virtude e assim controlar o florescimento das paixões inerentes ao seu ser feminino. Ocupadas e virtuosas, as mulheres habitariam o âmbito privado e assim seriam úteis à comunidade. A educação possibilitaria manter-lhes a virtude doméstica e isso era imprescindível para os homens públicos do Século das Luzes. [\[32\]](#)

Assim, não estranha que Rousseau chegue a sustentar que a educação da mulher é totalmente orientada no sentido da felicidade do homem (esposa dele e mãe e educadora dos filhos dele), em última instância, “o homem é a causa final da mulher”. [\[33\]](#)

Essas idéias iluministas transparecem na obra anônima publicada em 1790 *Tractado sobre a igualdade dos sexos ou elogio do merecimento das mulheres oferecido e dedicado às senhoras illustres de Portugal por hum amigo da Razão*, onde bem se defende a igualdade dos sexos:

As Mulheres são iguaes aos Homens na capacidade da alma, facilidade, e faculdade de adquirirem conhecimentos, e applicallos a hum fim racionavel, sabio e justo, segundo os seus projectos e intentos? [\[34\]](#)

Acaba-se por acentuar, se convir, como opina Crampe-Canabet, as às vezes com as melhores intenções, a desigualdade dos papéis entre os sexos. [\[35\]](#)

Em *Máximas de virtude e formosura* transparece, expressa em exemplos dispersos por todo o romance, a consciência sobre a situação de dominação a que está sujeita a mulher na sociedade, que parece não poder mudar-se contrariamente ao que acontece com a situação educativa da mulher, que se critica abertamente reivindicando o direito feminino neste sentido.

Afinal, quanto ao comportamento feminino no romance sempre se advoga por uma adequação à sociedade e aos hábitos de imposição e submetimento masculinos, o que parece indicar que Teresa Margarida não via remédio para solucionar essa situação, resultando melhor não ir contra corrente, se calhar, porque o peso de séculos de tradição não foi aligeirado nem pelas luzes da Razão.

Sirva de exemplo, o que considera Climenea sobre o que devem fazer as mulheres que sentem amor:

É certo que naturalmente nos amamos, e desejamos ser amados; mas é tão delicada a boa reputação das mulheres, que para se conservar o culto, que merece a sua estimável modéstia, não só devem ocultar bem nascidos pensamentos, mas nem confiá-los aos mesmos, que muito estimam. [\[36\]](#)

Mas Climenea opina que não há qualquer distinção entre homens e mulheres, e que a diversidade de comportamento provém do peso exercido pela sociedade. Assim, criticando os homens que atribuem às mulheres os defeitos de ignorância, maldade e loucura:

Estes discursivos se não dizem que as almas têm sexo, para que forjam distinções que não têm mais subsistência que na sua corrupta imaginação, pois foram igualmente criadas, e a disposição dos órgãos (de que dizem provém a bondade do espírito) é tão vantajosa nas mulheres, com nos homens? [\[37\]](#)

O peso social vê-se no trecho em que fala sobre o recato na mulher, onde também se manifesta a dupla moral em vigor segundo se for homem ou mulher:

o recato é o melhor dote das mulheres, com que as formosas adquirem adorações, as bem parecidas amor, e as feias estimação [...] pois é tão melindrosa a estimação de uma discreta dama, que de muitos anos de cuidado perde o merecimento em um dia de descuido; e quando não houvessem razões tão nobres para conservarem a senhoril gravidade, bastaria que refletissem, que em deixando de desprezar as oblações dos rendimentos, passam logo a ser indignas de bem nascidos sacrifícios, sendo nelas infame desaire, o que é neles timbre de mocidade. ^[38]

Ao mesmo tempo Climenea tem opiniões mais conservadoras quanto às estruturas sociais do que Diófanes, algo que possivelmente está motivado pela maior consciência de classe que se costuma constatar mais habitualmente na mulher, como se vê no diálogo que têm sobre o decoro: Diófanes defende que devem zelar por ele tanto as ilustres como as pastoras, algo com o que discrepa Climenea,

porque as que nascem em superior jerarquia, devem também nos créditos especificamente distinguir-se das de inferior nascimento; porque os encargos da nobreza mais gravemente lhes recomendam a honra, docilidade, e moderação, com que se fazem distintas, e pelo que só lhes é permitida a vanglória de darem exemplo, às inferiores; pois pela decência senhoril, com que ais se negam aos olhos dos homens, as advertem de que o veneno, ainda que se disfarça em açúcar, sempre mata, se a quantidade não é pouca. ^[39]

O que se expressa unanimemente no romance é a aceitação do desígnio paterno em questões de matrimônio dos filhos, algo que se vê na afirmação de Hemirena: “Antes quero perder a vida, que mudar de estado, sem que os meus o determinem” ^[40]

O respeito pelos pais também é expressado por Hemirena do seguinte modo: “Só me animava a inocente vanglória de haver cumprido com os preceitos de minha obrigação; porque assim como devemos o ser aos pais, somos obrigados a tolerar todo o trabalho, que conduz para mais os honrar” ^[41].

Mas isto vê-se matizado mediante a dura crítica feita por Climenea àqueles pais que casam as filhas movidos pela ambição, em que se poderia ver refletida a experiência biográfica da autora:

A perfeição dos casados consiste naquela generosa paixão de amor decente, que com sua boa ordem esmalta as virtudes, e alegremente conserva a felicidade dos matrimônios, porque o gosto dá sempre asas ao amor.

Disso se não lembram os pais, que cegos pela avareza, e encantados pela suavidade de seus interesses, casam as filhas dotadas de vivacidade, e mais graças do Céu, com maridos cheios de vícios, e achaques. Estas merecem que o aplauso universal lhes laureie o sofrimento, pois desde sua tenra idade se reservaram para amar um monstro; quando a lei da natureza permite desejarem bons maridos, e as do matrimônio exortam a sofrê-los: se os amam pelos Deuses, que o determinaram facilmente o conseguem; mas se por si mesmas querem amá-lo, parece moralmente impossível. Têm-se visto donzelas inconsideradamente entregues pelos seus maiores a maridos tão asquerosos, que fora melhor conduzi-los ao leito, que encaminhá-los ao tálamo; porque em seus muitos anos, e mal ordenados costumes só se exercitaram em tudo o que destrói a saúde; mas nem assim deixam as prudentes de lhes assistir, amá-los, e curá-los, sendo este um dos milagres do nosso sexo ^[42]

A consideração da mulher casada não fica aí, pois se adverte aos maridos a não serem ciumentos, e a elas cultivar o estudo para evitar as infidelidades do matrimônio, algo que Verney também faz, increpando os homens a reconsiderar a postura sobre a educação feminina, alegando que melhor seria poder desfrutar da conversa da esposa, do que procurar divertimentos *pouco inocentes*. ^[43]

A problemática do gênero pode também ver-se refletida na utilização dos adjetivos *varonil* ^[44], como positivo referido tanto ao ânimo de homens como de mulheres, e *afeminado* ^[45] como qualidade negativa para todo o que for referido.

Os paradoxos nesta obra quanto à mulher chegam à própria autora, que não querendo desvendar o seu nome adota um pseudônimo, embora feminino, com o que a crítica à utilização considerada imprópria do repertório, pois é mulher, não se evitava. Destaca também, neste sentido, por pôr um exemplo, visto que o repertório feminino *próprio* de uma mulher do século XVIII não passa pela política, que em *Máximas de virtude e formosura* também intervêm as mulheres sobre este tema, pois se bem Climenea se dedica a dar conselhos sobre o amor e a

educação, não faltam nela como tampouco em Beraniza ou Hemirena, opiniões e manifestações sobre temas políticos, sendo a princesa Beraniza tão importante como conselheira política que não se toma no seu reino nenhuma decisão sem antes consultar o seu parecer.

Todas estas cousas parecem indicar que talvez o intuito da autora fosse reivindicativo, no sentido de adotar uma postura de confrontação direta: eu, como mulher, escrevi este livro apesar da *ignorância própria* do meu sexo a que estamos relegadas por vós homens. Mas isto só são conjecturas.

Em definitivo e para concluir, Teresa Margarida da Silva e Orta irrompe no sistema literário português em 1752, dois anos mais tarde do previsto – anteriormente falamos do atraso da edição da obra, já pronta em 1750 – devido à mudança de monarca que se produz nessa época. Passou-se, do entendimento por parte de alguns setores, de um governo absolutista com uma corte corrompida e incapaz de solucionar os problemas do país, apesar do ouro do Brasil (ou precisamente por culpa desse ouro) a um sistema de governo partilhado entre D. José I e Sebastião José de Carvalho, que defenestrou de vez o Antigo Regime para pôr em prática os parâmetros do Despotismo Esclarecido.

Esta nova ideologia vinha já minando o reinado de D. João V desde inícios de século, algo que se fez sentir paulatinamente no sistema literário português da época, em que, como vimos, iam aparecendo obras que denunciavam a necessidade de mudança de mentalidade, cujo maior exemplo seria o *Verdadeiro método de estudar*; e não só, já que não é gratuita a proliferação de tratados sobre os mais diversos assuntos imbuídos de uma consciência inaugural de marcado carácter iluminista, nem a importância que tomavam as Academias, cujo ataque ao Barroco, que nem sempre evidencia um afastamento excessivo dos seus postulados (vejam-se, por exemplo, os títulos das odes que compunham os seus membros), apesar de tudo forjou o gosto pelos novos repertórios iluministas.

Repertórios estes que adotou Teresa Margarida, algo que não resulta estranho dado o seu *habitus*, mas que não deixa de ter um marcado carácter transgressor, ao tratar-se ela de uma mulher. Mesmo chegou a negar-se a sua autoria da obra devido a esta questão de gênero, ao não crerem capaz a uma mulher expressar semelhante ideário político presente em *Máximas de virtude e formosura*.

Neste sentido cabe lembrar que dito ideário é o defendido pela roda de amizades de Teresa Margarida, nomeadamente pelo seu íntimo amigo Alexandre de Gusmão, cuja atribuição da obra, se não fosse tal senão autoria mesmo, simplesmente por tratar-se de um homem e prestigiado, levaria este romance a um outro lugar dentro do sistema literário. Relevante lugar, sem dúvida, pois achamos importante tratar-se de uma publicação inaugural no sentido de ser a primeira obra de ficção em português em que aparecem explícitas as idéias iluministas – já nos referimos ao seu caráter inaugural de gênero literário que motivou a soliviantada e controvertida adscrição a uma literatura nacional e/ou outra, que ainda dará muito jogo. Também tem interesse que se trate de uma imitação de *Aventures de Télémaque* de Fénelon, uma das obras mais imitadas internacionalmente, apesar das críticas que lhe foram imputadas de barroquismo e pesadez de estilo – porque não se diz o mesmo da obra imitada, sendo a de Teresa Margarida, aliás, muito mais despojada de descrições e páginas. Imitação que apresenta novidades importantes a respeito do ideário do Arcebispo de Cambrai, como é a defesa da abolição da escravatura, ou a nova visão brasílica que reconhece o direito dos povos a governar-se autarquicamente.

Por outro lado merece lugar destacado a plena consciência da situação feminina, que se manifesta no romance, onde o submetimento a que se vê relegada a mulher parece não poder resolver-se de modo algum, pelo que as suas afirmações foram sentidas por certos estudiosos como conservadoras ou mesmo reacionárias (e por outros como feministas), não deixa de ser interessante que se apresente de forma tão explícita e sem dissimulações a dominação em que vive instalada a mulher de superior hierarquia de Setecentos que – dada a continuidade desta situação em muitos sentidos na atualidade –, não deveria estranhar que fosse vista como um obstáculo insalvável naquela época, mais complicado que lograr a abolição da escravatura, por exemplo.

A importância de *Máximas de virtude e formosura* no sistema vem dada pela sua adscrição à nova corrente de pensamento que chega da mão do Iluminismo, pensamento inserido dentro de um tipo de literatura que estava no apogeu nessa época, devido à importância dada à educação pelos iluministas, como é a literatura moral, ajudada pelo bucolismo que também parece ser um dos gostos imperantes no repertório neoclássico.

Por todos estes motivos, e os anteriormente expostos, deduzimos que o lugar no sistema literário português na época da sua publicação deveria ter sido destacado, como provam as

edições posteriores, devido ao interesse que tem este romance, tanto política como socialmente, ao refletir as linhas de força que imperavam no momento, assim como as novidades que vinham de fora sem deixar de parte um certo conservadorismo próprio dos momentos de mudança e indecisão.

[1]

O trabalho em que baseamos esta comunicação insere-se dentro de um projeto que se está a desenvolver no grupo de investigação Galabra da Universidade de Santiago de Compostela, que foca as mulheres das elites culturais do século XVIII. Teresa Margarida foi uma delas.

[2]

ENNES, Ernesto. *Dois paulistas insignes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. v. II.

[3]

Destacamos duas obras em que já desde o título vemos claramente a pegada do Iluminismo: *Nova progmatica opia que a Junta do Bom Governo faz resuscitar da Roma antiga à Lisboa da moda: para reformação dos abusos das mulheres*. [Lisboa: s.n., 1750?] *Relação do segredo da abelha, descoberto com as luzes de Apollo, ao som da sua afinada lyra...* /por hum anonymo do Monte Parnaso. [Lisboa: s.n., 1750?].

[4]

Carta apologetica de hum amigo a outro em que lhe dá conta do que lhe pareceo... o Verdadeiro methodo de estudar. Lisboa: Off. de Pedro Ferreira, 1752 BNL. MELLO, Francisco de Pina e de. *Balança intellectual em que se pezoava o merecimento do "Verdadeiro Methodo de Estudar..."*. Lisboa: Off. de Manoel da Silva, 1752.

[5]

Comédia intitulada *O poder do lindo sexo, ou Amazonas*, de Luís Nicolau. Lisboa: Officina de Antonio Gomes, 1790. *Tractado sobre a igualdade dos sexos, ou elogio do merecimento das mulheres*, oferecido, e dedicado as senhoras illustres de Portugal, por hum amigo da razão. Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1790.

[6]

RODRIGUES, A. A. Gonçalves. *A tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992. v. I (1495-1834).

[7]

Por exemplo: *Carolina de Lichtfield ou o triunfo da virtude; Pamella Andrews ou a virtude recompensada; A mais heróica virtude ou a virtuosa Pamella; A virtude sempre triunfa, ou Perseo e Andrómeda*. In: Rodrigues. Op. cit. 1992. p. 203-5.

[8]

ORTA, Teresa Margarida da Silva. *Historia de Diofanes, Clymenea e Hemirena, Principes de Thebas: historia moral/escrita por huma senhora portugueza*. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1818.

[9]

O amigo das mulheres. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1818. *As mulheres célebres da revolução franceza ou o quadro enérgico das almas sensíveis*. Lisboa: Typ. Rollandiana, 1818.

[10]

SANTA CRUZ, Maria de. *Crítica e confluência em Aventuras de Diófanos (1752)*, Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), sob a orientação de Fernando Cristóvão, 1990.

[11]

Seguimos para as citações a edição de MONTEZ, Ceila. *Obra Reunida de Teresa Margarida da Silva e Orta*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993.

[12]

Segundo DEMÉTRIO, Estébanez Calderón. *Diccionario de términos literarios*. Madrid: Alizanza Editorial, 1996. p. 557-8: "Imitación. Término de origen latino (*imitatio*: reproducción, semejanza; de la misma raíz que *im-ago*: copia), que en Teoría de la literatura se utiliza en doble acepción: la primera, referida a la formación del estilo (imitación de modelos) [...] la imitación de modelos tuvo una gran importancia en las escuelas latinas de retórica [...] Esta imitación de los modelos clásicos será especialmente notoria en el Neoclasicismo, no sólo en lo referente al estilo (recuérdese la insistencia de tratadistas y escritores en ciertas cualidades clásicas del estilo: la *puritas* o pureza lingüística, la *perspicuitas* o claridad, y las referidas al *ornatus*: elegancia, ingenio, armonía, etc.), sino también, a temas y géneros: cultivo de la poesía bucólica y anacreóntica, de la fábula, de la tragedia llamada, precisamente "neoclásica", etc.

[13]

MONTEZ. Op. cit. p. 169.

[14]

Id. Ibid. p. 181.

[15] Id. *ibid.* p. 56.

[16] Por exemplo, o comentário de Diófanes: “pois nasci recomendando-se-me os braços soberanos de meus antigos; e sou ilustrado, para que as minhas ações resguardem as glórias de seus nomes, o que consiste em não consentir manchas na honra, e grandeza de ânimo, em temer só aos Céus, em amparar os perseguidos, e valer aos inimigos.” Id. *Ibid.* p. 136.

[17] Id. *Ibid.* p. 170.

[18] Id. *Ibid.* p. 195.

[19] Como explica GUARDIA HERRERO, Carmen de la. Eudoxia, hija de Belisario. In: CANTÓ, Pilar Pérez e CASTELLANOS, Elena Postigo (Eds.). Madrid: Univ. Autónoma de Madrid, 2000. p. 250: “Los tratados sobre educación fueron muchos en la Europa del Siglo de las Luces. Todos coincidieron en que la educación de los varones debía ser distinta que la educación de las jóvenes. Si tradicionalmente, en el mundo cristiano occidental, las mujeres mantuvieron para los pensadores ilustrados, su vinculación con el mundo de lo particular. Continuaron siendo imaginadas como seres pasionales, pero ahora representaban todo aquello temido y marginado por la cultura ilustrada. Reproductoras y no creadoras debían permanecer en el ámbito doméstico. También la naturaleza masculina era obvia para los tratadistas ilustrados. A los varones, representados siempre como seres básicamente racionales, les correspondía el ámbito de lo público, organizado por los ilustrados como un espacio delineado para respetar el derecho a la vida y a la libertad, premisas básicas para conseguir la ansiada felicidad o, lo que era lo mismo, la armonía con ese orden natural que la razón había comprendido.”

[20] Seguindo as indicações de SILVA, Maria Regina Tavares da e VICENTE, Ana. Mulheres Portuguesas. Vidas e obras celebradas – vidas e obras ignoradas. *Distos & Escritos*, Lisboa: n. 1, 1991. As obras que tratam o estatuto da mulher casada seriam *Espelho de casados* (1540) de João de Barros, *Casamento perfeito* (1630) de Diogo de Payva D’Andrada e *Carta de guia de casados* (1651) de D. Francisco Manuel de Melo. Duas obras que elogiam as virtudes das mulheres são: *Dos priuilegios & praerogatiuas q ho genero feminino t%e por direito comu & das ordenações do Reyno mais que ho genero masculino* (1557) do Ldo. Ruy Gonçalves e *Tratado em loor de las mugeres y de la castidad, onestidad, constancia, silencio y justicia* (1592) de Cristovam da Costa. Catálogos de mulheres seriam: *Descrição do reino de Portugal* (1610) de Duarte Nunes de Leão, com três capítulos dedicados a mulheres portuguesas; *O jardim de Portugal, em que se dá notícia de alguas Sanctas, e outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão ou viverão, ou estão sepultadas neste Reino, e suas cõquistas* (1626) de Fr. Luís dos Anjos; *Portugal ilustrado pelo sexo feminino: Notícia Histórica de muytas heroínas Portuguezas que florecerão em Virtude, Letras e Armas* (1734) de Diogo Manuel Ayres de Azevedo; e *Theatro Heroino: Abecedario Historico, e Catalogo das Mulheres Illustres em Armas, Letras e Acçoens heroicas, e Artes liberaes* (1736, vol. I – 1740, vol. II) de Damião de Froes Perim. Mais adiante falaremos do anônimo *Tractado sobre a Igualdade dos Sexos ou Elogio do Merecimento das Mulheres offerecido e dedicado às senhoras illustres de Portugal por hum amigo da Razão* (1790). Já do séc. XIX são: *A mulher e a vida ou a mulher vista debaixo dos seus principais aspectos* (1872) do Dr. José Joaquim Lopes Praça e *A mulher em Portugal* (1892) de D. António Costa às quais, mesmo escapando da nossa perspectiva (séc. XVIII), não quisemos deixar de fazer referência.

[21] MONTEZ. Op. cit., p. 90.

[22] Id. *Ibid.*

[23] Id. *Ibid.* p. 92.

[24] VERNEY, Luís António. *Verdadeiro método de estudar*. Lisboa: Sá da Costa, 1746. p. 126. “elas nos dão as primeiras ideias das coisas. E que coisa boa nos hão de ensinar, se elas não sabem o que dizem”.

[25] MONTEZ. Op. cit. p. 99.

[26] Id. *Ibid.* p. 184.

[27] Id. *Ibid.* p. 124. Grifo nosso.

[28] “mandando moços nobres, e bem instruídos para Reinos estranhos, onde se apliquem ao político, e ao militar”. MONTEZ. Op. cit., p. 122.

[29] ENNES, Op. cit., p. 44-5.

[30] GUARDIA HERRERO. Op. cit., p. 249.

[31] Como manifesta DELGADO, Itziar Lado. Relaciones de género y matrimonio en el siglo XVIII. In: CANTÓ E CASTELLANOS. Op. cit., p. 290: “La Razón ilustrada no se revestirá de su pretendida universalidad, sino que dejará a las mujeres al margen; así, durante la Ilustración la definición biologicista de las mujeres y su identificación con la Naturaleza y la Pasión seguirá presente. Las mujeres mantendrán prácticamente intacto su papel de esposas, madres y

complementos del hombre. La Ilustración, en definitiva, no responde a sus propios planteamientos ya que la tan apasionadamente defendida Razón no será en realidad universal; la mujer quedará excluida de la prometida liberación, y su posición de sujeto dominado por el hombre se mantendrá. Este control sobre lo femenino se ejercerá a partir de la definición de un espacio propio, el ámbito privado y doméstico, que apartará a las mujeres definitivamente de la esfera pública.”

[32]

já que “Un hogar bien llevado, un hogar virtuoso, permitía a los Belisarios del siglo XVIII discutir y razonar sobre esos derechos universales, de los que muchos, no sólo las mujeres, quedaban excluidos.” Cf. GUARDIA HERRERO. Op. cit., p. 256.

[33]

CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DUBY, Georges e PERROLT, Michelle (Dir.). *História das mulheres*. Porto: Afrontamento, 1994. v. 3. p. 406.

[34]

Apud. SILVA E VICENTE. Op. cit. p. 21.

[35]

Tractado sobre a Igualdade... “Os deveres dos dois sexos, sendo nos seus géneros respectivos diversos, são, em quanto ao seu fim, os mesmos; pois que igualmente se encaminharão à virtude, e à glória: logo preenchidos estes pelos diversos individuos, fazem o merecimento igual. O Monarca no Throno, o Magistrado no Tribunal, o Cidadão na Corte, o Soldado no Campo, & c. a todos estes manda a razão, e a honra desempenhar as funções do seu ministério no lugar, no posto que occupão; donde lhes resulta a sua glória, e o seu merecimento. Como ordinariamente só os homens nascerão para o Throno, para o Tribunal, & para o Campo; nada mais fazem, quando desempenharão com glória estes lugares, senão cumprirem com os deveres que a Natureza, e a razão lhes impõem: logo a Mulher, cujos deveres igualmente impostos pela Natureza, e pela razão, são o ser honesta, virtuosa, olhar pelo próprio crédito, vigiar sobre a família, fazer a felicidade do seu Esposo, attender à economia da casa, criar os filhos em respeito, e virtude, & c. estes deveres, que fazem a sua glória, e o seu merecimento, as põem no seu género, a par do Soberano, do Magistrado, do Cidadão, do Soldado, & c. pois que, igualmente como estes, satisfazem às leis da Natureza, e da razão. Isto concedido, eis aqui estabelecida a igualdade dos sexos no desempenho dos seus deveres, e matéria bastante para o Elogio do Merecimento das Mulheres, pelo que pertence aos seus talentos, facilidade, e faculdade de adquirirem conhecimentos, e idéas de tudo o que as cerca.” Id. Ibid. p. 19

[36]

MONTEZ. Op. cit., p. 97

[37]

Id. Ibid. p. 92

[38]

Id. Ibid. p. 145.

[39]

Id. Ibid. p. 105.

[40]

Id. Ibid. p. 70-1

[41]

Id. Ibid. p. 141.

[42]

Id. Ibid. p. 95-6.

[43]

“Persuado-me que a maior parte dos homens casados que não fazem gosto de conversar com suas molheres, e vão a outras partes procurar divertimentos pouco inocentes, é porque as acham tolas no trato [...] Certo é que uma molher de juízo exercitado saberá adoçar o ânimo agreste de um marido áspero e ignorante, ou saberá entreter melhor a disposição de ânimo de um marido erudito, do que outra que não tem estas qualidades.” Id. Ibid. p. 126.

[44]

Por exemplo, o comentário de Climenea sobre uma mulher a quem cuida os filhos: “Vós vos sabeis portar com eles, discreta, prudente, e varonil, e não careceis do que me tem ensinado a experiência” Id. Ibid. p. 100.

[45]

Por exemplo, as palavras de Hemirena: “conhecendo que era oposto às minhas obrigações o afeminado afeto, a que me via rendido” Id. Ibid. p. 181.